

A CONSTRUÇÃO DO ORIENTE “ÍNDIA” NA PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO

Aluna: Priscila Santos Vieira
Orientadora: Flavia Maria Schlee Eycler

Introdução

Em meio às mudanças dos séculos XV-XVI, o testemunho de um homem comum - a Peregrinação de um aventureiro como Fernão Mendes Pinto - é significativo, na medida em que pagãos e infiéis, inimigos da cristandade, nem sempre cabiam nas etiquetas que os olhos de Fernão traziam, o que provocava a reformulação de um mundo antes universal.

Fernão sempre se desculpa por só poder dar uma pálida idéia do que tem diante dos olhos, porque o que ele vê é, ao mesmo tempo, real e incrível por seu brilho, sua riqueza, sua suntuosidade. O que ele, homem comum do Ocidente, lançado ao mar pela necessidade, tem diante de si é o *Outro*. Ele se depara com um outro mundo, uma outra sociedade, uma outra moral, um outro universo sonoro, que ele tenta decifrar. Mendes Pinto, autor do século XVI é tomado pelo espetáculo de uma cultura nova, uma humanidade simultaneamente próxima e longínqua; ao mesmo tempo exaltada e ironizada.

A *Peregrinação* [1] não é apenas uma descrição geográfica do Oriente, como os livros publicados sobre as “coisas da Índia”. O livro traz uma visão, digamos, antropológica sobre os orientais. Fernão contrapõe a imagem negativa que o homem ocidental faz do homem oriental, ao reconhecer que o olhar do Outro não é o mesmo que o seu, apontando assim, uma pluralidade cultural.

Objetivos

O trabalho em torno da *Peregrinação* pretende estabelecer um horizonte de distâncias e aproximações entre a imagem medieval do mundo e a imagem do “moderno”. Mapeando as diversas posições que o **eu** narrador assume no decorrer do relato, em que se tornam presente elementos depreendidos do olhar de Fernão Mendes Pinto, é possível identificar as diferenças e semelhanças que orientam sua percepção na construção do(s) outro(s) – indianos, africanos, chineses e japoneses.

Com relação à construção dos indianos, recorte da minha pesquisa, vamos operar com as experiências de Fernão Mendes Pinto diante de outras formas de organização social e suas formas de sociabilidade. Objetivar o outro é, sobretudo, enfrentar os limites do mesmo ou seja, tanto os limites do próprio relato quanto os de nossa interpretação.

A pesquisa, ao investigar os pré-conceitos que orientaram a construção de diferenças, também deve permitir que se compreenda alguns impasses do mundo contemporâneo com relação às diversidades culturais.

Metodologia

O projeto é norteado pela aproximação entre os campos da História e da Literatura. Essa possibilidade de aproximação se dá em função da mudança dos modelos epistemológicos que orientavam a escrita da História com suas pretensões universalistas, e seu lugar no campo do conhecimento. Mendes Pinto, assim como outros relatos de viagem, rompe, por meio da especificidade de sua experiência, as regras que orientavam os gêneros da autobiografia e da literatura de viagem da antiguidade e do medievo. Constituindo, mesmo que a sua revelia o

que será o sujeito moderno, Fernão Mendes mistura o velho e o novo sujeito; a História e a Ficção.

Cabe frisar que a produção do outro, ou seja, a retórica da alteridade desenvolvida e inscrita pelo “olho” e pelo “ouvido”, será baseada, sobretudo, em Hartog [2]. O próprio sentido da viagem subitamente se altera, o homem descobre um gosto novo pelas coisas diferentes, a tudo o que o Novo Mundo começa a oferecer de verdadeiramente novo; é justamente essa categoria do outro que se vê promovida e se torna objeto de uma descoberta que vai infiltrar-se em todas as dimensões da cultura ocidental. A grande novidade reside no fato de que a dita curiosidade transporta-se aos poucos para a visão das diferenças – a presença do outro constrói o alicerce de tudo o que possa constituir o fascínio da diferença.

Além destes procedimentos, é importante o diálogo entre texto de Fernão Mendes Pinto e contexto das viagens portuguesas nos séculos XV e XVI para que se controle possíveis anacronismos. Tal metodologia tem sido fundamental para a compreensão da questão da alteridade.

Conclusões

Dizer o *outro* é enunciar-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema. Desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita. Começa então esse trabalho, incessante e indefinido que consiste em levar do outro ao próprio.

As narrativas de viagem vão falar do Outro, sendo estas o lugar de produção da alteridade, e de identidade: “as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença” [3].

Com efeito, parece que, em seu movimento para traduzir o outro, a narrativa mostra-se incapaz de abordar mais que dois termos de cada vez. Tudo se passa como se a narrativa, incapaz de assumir e de traduzir uma alteridade em dobro, operasse por deslizamentos: para tornar ainda mais sensível a alteridade de *a* é suficiente transformar *b* em *c*.

Referências

- 1 – PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Maia: Imprensa Nacional, 1988.
- 2 – HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- 3 – RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. “Os nomes sociais dos tipos de pessoas: a identidade” in **Identidade e Etnia: Construção da pessoa e resistência cultural**. SL: Ed. Brasiliense, 1986.